

O PROJETO *POESIA-EXPERIÊNCIA* DE MÁRIO FAUSTINO

Mariana Ianelli*

Resumo

No contexto de luta cultural contra o esvaziamento de valores e a fragmentação de tendências dentro do universo literário, o projeto *Poesia-Experiência*, elaborado por Mário Faustino, nos anos 50, ressurgiu na contemporaneidade para reavivar a proposta de uma completa renovação da poesia brasileira em termos pedagógicos. Adepto de um espírito clássico, Faustino buscava a recuperação de um certo esplendor para a arte literária que unisse os esforços de vanguarda aos esforços de retaguarda, em favor de uma verdadeira revitalização poético-cultural, também compreendida como uma revitalização do próprio homem. Nesse sentido revolucionário e educador da poesia, o projeto teórico e crítico de Faustino deve ser redescoberto, hoje, como um apelo à retomada de uma consciência totalizadora, a partir da qual se possa pensar a experiência do pensamento poético como uma atividade pluridimensional, que envolve certas responsabilidades éticas e estéticas no desempenho das relações entre o homem, o mundo e a linguagem.

Palavras-chave

Experiência poética; Linguagem e pensamento; Mário Faustino; Mecanismos de percepção e raciocínio; Método de criação.

Abstract

In the context of the cultural battle against the end of values and the fragmentation of tendencies in the literary universe, the Poetry-Experience project, created by Mário Faustino during the 50's, has now reappeared and is giving new life to the plan of renewing Brazilian poetry in pedagogical terms. Adept of a classical spirit, Faustino sought the recovery of certain splendour in the literary arts, uniting the efforts of both vanguard and rearguard, in favour of a true cultural-poetical renewal, which should also be thought as the renewal of man himself. In this revolutionary and pedagogical sense of poetry, Faustino's theoretical and critical project should be reexamined today, to be given another chance as an appeal for the rediscovery of a unifying conscience, from which one can see the experience of poetic thought as a multidimensional activity, involving certain ethical and esthetic responsibilities in the practice of the relationship between man, world and language.

Keywords

Mário Faustino; Mechanisms of Perception and Rational Faculties; Method of Creation; Poetical Experience; Thought and Language.

* Mestre em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. E-mail: marianaianelli@uol.com.br

Dos escritores modernos que se interrogaram criticamente a respeito do exercício criador, Mário Faustino desponta, no panorama da poesia brasileira, como um nome de grande peso ainda por ser devidamente descoberto e estudado. Sua obra teórica, que vem sendo reeditada atualmente, sob a organização da pesquisadora Maria Eugênia Boaventura, além de reunir centenas de críticas literárias para jornal, abrange um projeto poético que, já nos anos 50, ambicionava pôr em prática a função educadora do poeta em meio ao contexto mais amplo de sua realidade sociocultural.

Poeta, ensaísta, tradutor, jornalista e crítico, Mário Faustino foi um intelectual que atuou nos mais diferentes ramos da cultura brasileira, dedicando-se a um estudo metódico da poesia que defendia a revolução da arte literária em favor do progresso da língua, de novas formas estéticas e de novos preceitos éticos mediante os quais se baseassem os procedimentos da experiência criadora. *Purificar, comover e ensinar* seriam algumas das funções do poeta, cujo poder verbal de percepção e expressão concilia o universo das coisas, ideias e seres ao reino das palavras, em uma demonstração de amor à vida dos homens e também dos signos – já que a linguagem é também um sistema vivo.

Em *Poesia-Experiência* (1977), Faustino elabora uma teoria da criação preocupada com os mecanismos de raciocínio do poeta e com a dignidade artística de uma literatura disciplinada por conhecimentos não apenas poéticos, mas também de natureza filosófica, científica, mística e política. Tal projeto, levado ao Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* nos anos de 1956 a 1959, sob direção do próprio Faustino, abriu espaço à divulgação e discussão da poesia nacional e mundial na grande imprensa.

Faustino prefere “escrever num laboratório a escrever num templo” (FAUSTINO, 2003, p. 189). Sua postura frente às letras, nunca dogmática ou doutrinária, traduz-se por um juízo crítico antes proveniente de uma militância intelectual e de uma consciência poética afeita ao debate de ideias que de uma visão idólatra da poesia ou de um espírito de cordialidade para com os escritores brasileiros.

Todo o projeto teórico do autor parece concentrar-se na sentença de que

hoje o poeta tem de ser a um tempo o profeta, o cientista, o filósofo, o juiz, o líder, e mais coisa – e não pode ser nada disso sem que se desenvolva todo um sistema de vida, toda uma ética, toda uma deontologia próprias, paralelamente àquela estética pessoal que todo poeta desenvolve à medida que vai construindo sua poesia (FAUSTINO, 1977).

Em outras palavras, o poeta tem de ser aquele que projeta um futuro melhor, graças a um *raciocínio utópico*, que mostra habilidade no exercício de síntese objetiva e de análise particular da realidade, que possui uma visão totalizante do mundo, consciência crítica, e está imbuído do espírito de sua época – a isto somadas as questões do bem e do belo. Segundo o autor, são vários os papéis da poesia que contribuem para uma ação social: o papel documental (testemunho de um povo e de um tempo histórico), o didático (comunicação de uma experiência de luta entre o poeta e o universo), o cultural (formação de uma consciência humana coletiva), o estético (expressão da beleza e da dignidade da vida) e o linguístico (aperfeiçoamento do idioma e manutenção da eficácia da língua).

O poeta moderno utiliza seu instrumento de trabalho para auto-organizar-se perante o mundo e, assim, extrair de seus objetos de percepção um conhecimento essencialmente poético da realidade. Seus deveres podem ser resumidamente elencados em:

- a) disciplinar mecanismos de pensamento para saber distinguir fatos ideológicos, filosóficos ou materiais;
- b) estar apto à síntese (noção de conjunto) e à análise (realidade de cada coisa em sua estrutura individual e sua potência de transformação);
- c) interessar-se por outras formas de conhecimento, como a filosofia e a política;
- d) despojar-se de preconceitos para formar uma visão imparcial e exata do mundo exterior;
- e) criticar a natureza e a sociedade, agindo sobre elas por meio do amor;
- f) projetar o futuro dos fenômenos sociais, em um raciocínio evolutivo;
- g) aprimorar uma estética própria e exercer a responsabilidade social e pessoal de ser bom poeta e de respeitar as qualidades intrínsecas à poesia, a partir das quais se define seu juízo de valor.

Faustino caracteriza o objeto literário como um documento humano, cujo poder de influência abrange a dimensão ética, a estética e a didática. “O primeiro dever do poeta é ser bom poeta” (FAUSTINO, 1977, p. 56). Dessa condição primordial para o exercício de uma linguagem eficiente e bela depende não apenas o êxito de uma competência poética, mas ainda o cumprimento de responsabilidades profissionais ligadas à sociedade, à cultura de uma época e, mais profundamente, às questões da própria existência humana.

O bom poema, fruto de uma interconexão entre conhecimentos filosóficos, sociais, políticos e estéticos, além de um conhecimento propriamente poético, deve atuar como instrumento para a elevação da alma, a conservação da dignidade, a exaltação do prazer da vida, o estabelecimento do diálogo e a afirmação de uma responsabilidade social. Daí que “o verdadeiro poema [seja] sempre pedagógico” (FAUSTINO, 1977, p. 29 – colchetes nossos), no sentido de promover uma transformação do homem e uma evolução do mundo a partir de um *raciocínio utópico*, ou seja, a partir de uma mente projetiva que visa a um futuro melhor. No registro de experiências acumuladas, uma poética orientada pelo novo reavalia antigos princípios de beleza e moral, contribuindo para renovar a literatura sob a visão de uma filosofia da arte. Nessa reavaliação, o poeta se faz militante de transformações sociais, culturais e existenciais.

Da interação entre palavra, som, ideia e imagem, de um lado, e a natureza, o homem e a sociedade, de outro, resulta o poema. Para tanto, o poeta dispõe sua vida a serviço de uma luta que defronta a criação de sua linguagem poética com o universo das coisas a serem nomeadas. Esse contato ativo do artista com seus objetos origina uma experiência libertadora, que não apenas o satisfaz existencialmente, mas também aproxima-o dos homens de seu tempo, na realização de uma fidedignidade social. Para Faustino, as possibilidades linguísticas de um povo dependem da eficiência de sua expressividade poética.

O organismo vivo do poema, entrelaçamento indistinguível de palavras e coisas, ensina a sabedoria da vida e da literatura, em uma interação entre teoria e prática mediada pela faculdade crítica do poeta. Referindo-se à obra de Faustino, o filósofo Benedito Nunes diz: “a agonia, a luta impulsiva na criação poética que a mesma arte da palavra resolveria, culmina numa transfusão de opostos: a linguagem se organifica, a vida se verbaliza” (NUNES, 2002, p. 52).

O método poético de percepção-expressão-recriação do objeto

Sob a perspectiva de criação dos objetos literários, o poeta recorre à linguagem com o principal objetivo de *doar*, ou *expor*, ao leitor um universo

totalmente reconstituído pelas palavras, de tal sorte que sua forma artística tenha o poder de ensinar, comover, deleitar, além de desempenhar um papel crítico em benefício do progresso do sistema da língua e do espírito de uma geração.

Em um processo de *percepção-expressão-recriação* da realidade, os objetos poéticos humanizados pelo artista adquirem uma identidade histórica e cultural. Tal processo de criação, que leva o poeta a pensar a realidade, simultaneamente interpretando-a e agindo sobre ela, colabora para a preservação da poesia, no vasto domínio da cultura de um povo, para a inovação dos recursos da língua e dos métodos de educação da arte, e, finalmente, para a realização essencialmente humana de uma sociedade.

No método de Faustino, a apreensão sensível das coisas se une às operações do pensamento artístico, uma vez que *perceber*, *expressar* e *recriar* seres, coisas e ideias em estado de poesia, consiste em uma operação que, poeticamente, só ocorre no plano da linguagem na medida em que também ocorre no plano do pensamento. O sentimento do mundo e sua crítica acabam por tornar-se características de um mesmo espírito poético que pensa e sente a realidade, expressando-a pela arte da palavra. Faustino fala de dois momentos particulares de reconhecimento poético do mundo: o da *percepção* e o do *raciocínio*. São momentos inseparáveis do processo de criação verbal e, portanto, concomitantes à construção da linguagem.

A *percepção* abrange o que o autor denomina, por um neologismo, de uma visão *oninclusiva* e *oniexclusiva* das coisas, ou seja, a visão do objeto como parte de um todo universal e a visão da autonomia desse objeto, considerado por qualidades que lhe são únicas. Além desses dois modos de ver a realidade, em seu contexto espacial, Faustino ressalta ainda a existência de uma dupla percepção poética do objeto, agora em seu contexto temporal: uma percepção *horizontal* do objeto – as coisas no seu “instante-já” e em sua mais plena novidade – e uma percepção *vertical* do objeto – as coisas em sua ancestralidade e herança de conhecimento guardada no inventário da memória humana.

Os mecanismos de raciocínio, por sua vez, abrangem a *síntese* do objeto, ou seja, sua visão de conjunto, e a *análise* do objeto, ou seja, sua detalhada estrutura de composição. Além disso, o poeta, ao pensar sobre as coisas, desenvolve mentalmente um raciocínio projetivo, ou como prefere dizer Faustino, um *raciocínio utópico*, que vê o mundo sob a perspectiva de um futuro mais esperançoso em relação à vida e ao tempo presentes. E não basta ao poeta estar munido de bons instrumentos sensoriais e intelectivos para abordar a realidade. É preciso ainda que, no desempenho da atividade criadora, ele ponha em exercício suas próprias leis – o que significa uma ética e uma arte poética próprias, ou, nas palavras de Faustino, uma “deontologia do poeta” (FAUSTINO, 1977, p. 56), na qual residem suas responsabilidades sociais, pedagógicas, estéticas e, sobretudo, humanas para com sua época e o sistema de sua língua. Tais responsabilidades devem atender não apenas à diversificação do idioma e a um progresso social mais amplo, mas também devem destinar-se à exploração das possibilidades internas de um poema, em sua unidade estrutural.

O que singulariza a postura do poeta em meio ao processo de sua criação literária – diferenciando-a da filosofia, da ciência, e de outras configurações do pensamento – é justamente a formação de uma ética, uma deontologia e uma estética pessoal que norteiam a atividade criadora e dão fundamento ao método poético. Ao constatar a existência de uma “relação estreita [...] entre o processo perceptivo-expressional da poesia e o processo criador da própria linguagem” (FAUSTINO, 1977, p. 52), Faustino acrescenta às dimensões da estética e da

ética a terceira dimensão da lógica: o poeta percebe o objeto e o recria por meio da linguagem.

Não será demais ressaltar que a *percepção*, a *expressão* e a *recriação* do objeto estão inseridas dentro de um mesmo e indistinto processo verbal, desencadeado pela organização das palavras “em padrões lógicos, musicais e visuais” (FAUSTINO, 1977, p. 60). Tais palavras são denominadas pelo autor de “palavras-realidades”, participando do universo simbólico de uma linguagem poética original. Para Faustino não há precisamente comunicação na poesia, mas “a criação de um objeto por parte do poeta [...] que, em seguida, faz uma doação, ou uma exposição, desse objeto ao leitor ou ouvinte” (FAUSTINO, 1977, p. 65).

Na visão de Faustino, é papel do poeta efetuar a união entre a esfera lógica das palavras e o universo natural e social. A ordem verbal que resulta da nomeação do objeto não admite simplificações prosaicas: seu limite pertence essencialmente ao terreno da arte poética – à novidade, à ambiguidade e à exclusividade das obras criadas. Em outras palavras, Faustino considera que, para além de uma importância sonora e visual, o poema se define por uma atividade perceptiva que tem a reflexão por meio, o mundo por objeto e o pensamento por fim. Não qualquer pensamento, mas um pensamento poético.

Importante salientar que os objetos expressos no poema, por uma *recriação* e *doação* do artista, não correspondem às coisas substancializadas, mas à sua visão paralelamente concreta e abstrata, objetiva e subjetiva, real e simbólica. Ademais, não são apenas coisas que interessam ao poeta no seu processo artístico de *percepção-expressão-recriação* da realidade: também seres e ideias compõem essa complexa e original visão de mundo que o poema celebra na construção de sua verdade.

O compromisso do poeta com o verdadeiro se realiza na possibilidade de expressar as questões da existência humana no poema, cujo pensamento está voltado ao modo de ser da própria criação. Afirma Heidegger: “A fundação do Ser está vinculada aos signos dos Deuses” (HEIDEGGER, 1991, p. 36). A participação dos deuses no processo de nomeação poética do mundo, tanto para Faustino como para Heidegger, é o que permite ao poeta pensar o fenômeno da linguagem a partir da relação primeira entre o homem e o mundo.

A *doação* do objeto a que se refere Faustino, ao falar do poema, não representa senão esta abertura ao pensamento da existência que a experiência com a linguagem suscita no processo de produção poética. Palavra e ser, verdade e pensamento inter-relacionam-se no espaço da obra criada, pondo em vigor uma ação transformadora do organismo da língua e da sociedade a que os homens pertencem. Tal doação do ser por parte do poeta, no objeto de sua criação literária, inevitavelmente remete ao conceito de Heidegger da palavra como “doadora do ser” (HEIDEGGER, 2003, p. 150). Porém, a verdade da poesia não está em outra parte senão no processo artístico de percepção e expressão que gera a obra de arte.

A singularidade do conhecimento poético, no projeto de Faustino, orienta a nomeação simbólica do real na forma do poema. Os mecanismos de percepção e raciocínio, veiculadores desse processo poético, refletem todo um método de pensamento perante os seres e as coisas, que põe a ética e a estética a serviço da criação de uma linguagem original.

Na intersecção do modo de ser da criação com o espírito da época, do qual o poeta participa, simultaneamente, como criatura e criador, está a missão civilizatória da poesia em seu constante questionamento acerca da dinâmica de um povo. A reinvenção do universo, inovadora e “reorganizadora do caos”,

consolida a *doação* do poeta a todos os homens, em uma tarefa que reúne a totalidade das visões filosófica, mística e científica segundo uma percepção poética aferrada ao seu próprio *approach*. Nessa reconstituição do mundo, o poeta executa uma das mais relevantes metas da criação artística: a educação.

Maiakovski, T.S.Eliot e Paul Valéry são algumas das vozes encontradas na obra teórica de Faustino quanto à visão da poesia como registro histórico, a interação entre organismo linguístico e expressividade poética e a qualidade sensorial e cognitiva do objeto literário, ao qual se relacionam valores rítmicos e simbólicos. Os conceitos poéticos de *logopeia* (dominante discursiva), *fanopeia* (dominante visual) e *melopeia* (dominante sonora), desenvolvidos por Ezra Pound, também estão presentes na reflexão de Faustino, além das considerações sobre a responsabilidade que o bom escritor cumpre perante o progresso de sua nação ao manter a eficiência da linguagem em sua clareza e exatidão.

“Toda obra de arte [...] encerra uma ética tanto quanto uma estética e as relações entre o bem e o belo compõem uma base mesma de toda filosofia da arte” (FAUSTINO, 1977, p. 57), observa Faustino. Para o autor, as regras da ação criadora e os problemas de natureza especificamente poética caminham lado a lado, dentro do campo da experiência artística, como dois aspectos constitutivos da formação de uma grande obra. Além de estabelecer uma relação entre a palavra e o mundo, e de influir na tradição de um povo ao acrescentar experiências inéditas ao repertório de valores ancestrais, a poesia, segundo Faustino, necessita igualmente de uma disciplina ética e estética, por parte do poeta, para vingar em seu propósito pedagógico e de aperfeiçoamento da língua.

A filosofia da arte, que dá fundamento à teoria desse método, e que subjaz ao processo da criação poética de Faustino, auxilia na transformação do mundo e na renovação da literatura ao mostrar a verdade resultante dessa múltipla experiência do poeta com a linguagem. “No combate bem combatido entre *Homo* e *Mundus*, a poesia conduz o poeta a seu nirvana especial” (FAUSTINO, 1977, p. 32).

Poeta-crítico da modernidade brasileira, Faustino declara em seu projeto a necessidade de uma revolução no processo de comunicação da língua capaz de redimensionar, na prática da produção literária, o significado da poesia como uma arte de valor ontológico e teleológico, um organismo vivo do pensamento e do idioma e, finalmente, um meio de cognição do universo relevante não somente sob o aspecto poético, mas também espiritual e filosófico.

Por uma resistência do pensamento poético

A transformação empreendida por Faustino, no âmbito do método poético e da crítica, tem a finalidade de reposicionar o homem contemporâneo no centro do pensamento sobre a poesia, perante a conjuntura de crise que tão amplamente caracteriza o século XX. Na literatura, esse estado de crise, conforme supõe Leyla Perrone-Moisés, “se inscreve num contexto filosófico maior: crise do sujeito, crise da representação, crise da razão, crise da metafísica, crise dos valores, crise do humanismo” (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 388).

Diante da necessidade de novas perspectivas, as pesquisas da crítica literária e da filosofia se dirigem ao objeto da criação artística a fim de redescobri-lo. No campo dos estudos científicos, a inauguração de conceitos inéditos relativos à arte, por um poeta-crítico, principia um movimento revolucionário que se eleva do contexto da imensa crise de valores da

modernidade, na tentativa de uma superação das limitações da linguagem e do pensamento. Para o filósofo Augustín Del Valle, os sinais da atual crise do mundo se resumem em “debilidade e distorção do raciocínio e desmoralização radical da humanidade” (DEL VALLE, 2002, p. 07 – tradução nossa). Contra o esvaziamento da vida e do sentido pluridimensional do homem, urge a contínua tarefa de pensar e poetizar.

É assim que, imbuído de um espírito de resistência e partidário do desejo de revolução na ordem do pensamento, Mário Faustino luta pela renovação do processo perceptivo e comunicativo da língua, de maneira a conduzir o fenômeno da criação a uma nova eficiência linguístico-poética. Segundo ele, a palavra poética tem o poder de “estar a serviço de necessidades metafísicas, místicas e míticas do ser humano, neste momento em que tais necessidades ainda são prementes e em que outras formas de satisfazê-la encontram-se em evidente descrédito e decadência” (FAUSTINO, 1977, p. 277).

Faustino encontra na poesia “uma arma contra a fragmentação, contra a compartimentalização, particularmente sensível em nosso mundo capitalista” (FAUSTINO, 1977, p. 278). Seu movimento de resistência se volta à universalização do pensamento por meio da linguagem, ou ainda, à união de todos os homens pela arte, em um raro triunfo da solidariedade poética sobre um mundo contemporâneo dividido e desorientado. A experiência mesma do poeta com a linguagem torna-se aí uma experiência revolucionária, se considerada sob a perspectiva de sua finalidade educadora, uma vez que o pensamento acerca do método implica também que se pense a configuração de uma obra de arte, as responsabilidades do poeta para com o seu ofício, e o seu próprio modo de operar, tendo em vista a revitalização do organismo linguístico e, com isso, o progresso humano em amplo sentido, social e cultural.

IANELLI, M. Mário Faustino's Poetry-Experience Project. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 1, p. 74-80, 2010.

Referências

FAUSTINO, M. *Poesia-Experiência*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. *De Anchieta aos Concretos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Hölderlin y la esencia de la poesía*. Trad. J. D. García Bacca. Barcelona: Antrophos, 1991.

NUNES, B. A poesia de meu amigo Mário. In: FAUSTINO, M. *O homem e sua hora* e outros poemas. Org. de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 45 - 66.

PERRONE-MOISÉS, L. *Inútil Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VALLE, A. B. F. *¿Qué es la poesía?*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.